ESTUDOS UNIVERSITÁRIOS
Revista de Cultura

60 anos

Entrevista

Texto de autora convidada. Recebido em: 14 nov. 2022. Aprovado em: 15 jun. 2023.

SILVA, Auxiliadora Maria Martins da. Saberes transcendentais - Xambá e o Portão do Gelo, do quilombo aos entrelaçamentos epistêmicos da cultura negra em Olinda, Pernambuco: uma entrevista com Ivo de Xambá. Entrevistado: Pai Ivo de Xambá (Adeildo Paraíso da Silva). *Estudos Universitários*: revista de cultura, UFPE/Proexc, Recife, v. 40, n. 1, p. 127-141, jan./jun. 2023.

https://doi.org/10.51359/2675-7354.2023.258907

ISSN Edição Digital: 2675-7354

Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

Saberes transcendentais - Xambá e o Portão do Gelo, do quilombo aos entrelaçamentos epistêmicos da cultura negra em Olinda, Pernambuco: uma entrevista com Ivo de Xambá

Transcendental knowledges - Xambá and Portão do Gelo, from the Quilombo to the epistemic intertwining of black culture in Olinda, Pernambuco: an interview with Ivo de Xambá

Auxiliadora Maria Martins da Silva
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)
Doutora em Educação
E-mail: auxiliadora.martins@ufpe.br
https://orcid.org/0000-0003-3325-0340
http://lattes.cnpq.br/0014492491967048

Resumo

Adeildo Paraíso da Silva, Doutor Honoris Causa pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), é babalorixá e líder quilombola. Neste volume, ele concede entrevista a Auxiliadora Maria Martins da Silva, Doutora em Ciências da Educação pela UFPE e professora titular do Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino. Ivo de Xambá, como é conhecido, fala de como sua vida está pautada pelos ensinamentos africanos, fundamentos que permearam sua história profissional e vivência comunitária. Não somente, revela-nos também que o terreiro, enquanto uma imponência descolonizadora, é capaz de fazer compreender que existe outro patrimônio guardado pela cultura negra na sua cidade, Olinda, o berço do frevo: um patrimônio que não está afastado dos transcendentais sítios

epistemológicos africanos historicamente instituídos e que se caracteriza no imaginário da população negra olindense por se opor, de forma ordenada através do quilombo Portão do Gelo, à colonialidade do poder, ao privilégio branco e também ao racismo recreativo. Os questionamentos levantados pela professora Auxiliadora Martins têm um objetivo que envolve a análise do processo de entrelaçamento epistêmico desse quilombo, e a sua prática de uma educação decolonial, com o São Benedito, bairro onde está localizado, assim como a maneira em que é formulada a luta antirracista a partir da perspectiva da africanidade destacando a memória desse espaço, as quais legitimam a presença do corpo negro na sociedade, em todas as suas mais profundas inquietações.
Palavras-chave: Saberes transcendentais. Ivo de Xambá. Portão do Gelo.

Abstract

Adeildo Paraíso da Silva, an Honorary Doctor from the Federal University of Pernambuco (UFPE), is a babalorixá and quilombola leader. In this volume, he gives an interview to Auxiliadora Maria Martins da Silva, PhD in Educational Sciences from UFPE and Full Professor of the Department of Teaching Methods and Techniques. Ivo de Xambá, as he is known, says that his life is guided by African teachings, fundamental principles that permeated his professional history and communitarian experience. Not only that, he also reveals to us that the terreiro, as a decolonizing power, is capable of making us understand that there is another heritage guarded by the black culture in his city, Olinda, the cradle of frevo: a heritage which is not far from the transcendental historically instituted African epistemological sites and that is characterized in the imaginary of Olinda's black population by its opposition, organized through the Portão do Gelo, to the coloniality of power, to white privilege, and also to recreational racism. All the questions raised by Professor Auxiliadora Martins, in this direction, have an objective that circulates in the analysis of how the epistemic intertwining of this quilombo and its practice of a decolonial education takes place with São Benedito, the neighborhood where it is located, as well as how the anti-racist struggle is formulated from the perspective of Africanity and autobiography and how its memory, in this path, legitimizes the presence of the black body in society and all its deepest restlessness.
Keywords: Transcendental knowledges. Ivo de Xambá. Portão do Gelo.

Ascom UFPE. Cerimônia de outorga do título de Doutor *Honoris Causa* ao babalorixá pai Ivo de Xambá, Salão Nobre da Faculdade de Direito do Recife, 23 jul. 2021 - Foto: Anderson Lima.

APRESENTAÇÃO

É com imenso prazer que, em uma entrevista, converso com o Ivo de Xambá, Doutor *Honoris Causa* pela UFPE, liderança quilombola e babalorixá do terreiro de Santa Bárbara. Ele enumera os principais acontecimentos e os achados epistemológicos quilombolas, considerados por ele próprio e reconhecidos pela comunidade negra de Olinda. Nesse parâmetro, destaco-o como uma criança do Portão do Gelo, um quilombo onde passou toda a sua infância e nele se criou. Toda a sua trajetória, nesse contexto, foi guiada pelos conceitos culturais da religião de matriz africana.

Pelo que percebo, gostaria de ressaltar que o império português reconheceu Olinda como uma de suas principais vilas e, sem dúvida, o seu principal traçado urbano do século XVI. Uma cidade pernambucana que, conforme a Unesco, é patrimônio histórico e cultural da humanidade. Assim, vejo que, para além da preservação arquitetônica, há também outras riquezas que se estenderam afora da área tombada olindense, sobretudo na questão de resistência ao período colonial, ao pensamento escravista criminoso europeu e a todos os seus apêndices, como, por exemplo, a branquitude.

Nessa direção, podemos perceber que a percepção de patrimônio imprime outro sentido ao sacerdote e que, para ele, o verdadeiro valor localiza-se mais próximo do terreiro do que dos centros históricos tombados de Olinda. O real patrimônio está sob o Kitembo[1] e representa todo o simbolismo e significado para aqueles que o

1. Kitembo: bandeira branca que, geralmente, está presente na frente de todos os terreiros e simboliza o orixá Iroko ou Tempo, divindade da atmosfera e do vento.

vivenciam. Para decifrar o mundo, Ivo de Xambá vale-se das narrativas de sua ancestralidade, que salvaguarda sua etnia.

Portanto, essa entrevista traz também um olhar de que o terreiro imprime sentido à discussão a seguir: precisamos nos atentar à existência do racismo e à interferência da força primordial para combatê-lo, o que vai além do seu reconhecimento e necessariamente em direção ao seu combate, aqui convencionado a entrelaçamentos epistêmicos de várias áreas do conhecimento, como é presente no quilombo do Portão do Gelo, sob a orientação de Ivo de Xambá. Ele é apenas uma voz que vem ecoar as situações de opressão que precisam ser delatadas, e desejamos, por meio de narrativas como a dele, uma maior presença de autores acadêmicos africanistas e afrodescendentes, visto que esta é — por enquanto — insuficiente nesse âmbito.

A luta desenvolvida no Portão do Gelo exige não somente melhores condições para a população negra como também a liberdade de credo religioso, seu reconhecimento e respeito. Ao mesmo tempo, é preciso que o conhecimento acadêmico dialogue com o saber transcendental que, por muitos anos, foi negligenciado, silenciado e perseguido. As narrativas do entrevistado delegam uma responsabilidade, para cada um de nós, de recuperação da cultura negra e um lembrete de que não podemos nos acomodar diante do preconceito, nem compactuar com a sua violenta opressão. A sua leitura de mundo é, sobretudo, uma denúncia tão tenaz que extrai de nossas veias um novo movimento basilar que tese alguma é capaz de descrever. Apenas vivencia-se. Diariamente.

Quem é Ivo de Xambá?

Ivo de Xambá é uma criança criada aqui no Portão do Gelo, hoje quilombo do Portão do Gelo, o primeiro do Nordeste, local onde passei toda minha infância e onde moro atualmente. Me criei na casa Xambá, recebendo os conhecimentos da religiosidade e de minha mãe, Severina Paraíso da Silva, percebendo, a partir disso, que o que os negros trouxeram para o Brasil não foi religião, mas sim uma espiritualidade sociocultural.

Então, posso notar, dentro dessa espiritualidade sociocultural, que eu aprendi a cultura da igualdade, aquela de compartilhar com os demais as festividades culturais, como o coco, o samba, a ciranda, maculelê e outras mais. Esse é Ivo de Xambá. Um menino que, como profissional, foi estivador no Sindicato dos Estivadores de Pernambuco, no qual passei 18 anos como o presidente daquela categoria. Aposentei-me e voltei novamente para a casa Xambá, fazendo esse trabalho cultural dentro da religiosidade.

Quais os principais acontecimentos da sua vida, desde o nascimento até essa fase idosa?

Os acontecimentos são: a questão da minha escolaridade, a minha vivência aqui de infância no Terreiro de Santa Bárbara e o reconhecimento da comunidade Xambá enquanto quilombo. Fiz meu primário no Colégio Pedro Celso. Fiz o ginásio no Colégio Estadual de Beberibe. Servi o exército no CPOR. Em 1993, uma tristeza grande: eu passei a comandar a casa de Xambá em função do falecimento de minha mãe, o que realmente, muito me deixou triste, assim como a morte de minha neta, anos depois.

Entretanto, as demais alegrias surgiram, como quando nos reconhecemos quilombo (nós somos o segundo quilombo do país) e também quando conseguimos as condições aqui de ser patrimônio vivo, de eu ser Doutor *Honoris Causa* pela UFPE, e, ultimamente, o Tribunal de Justiça de Pernambuco me concedeu o título de comendador. O que posso dizer é que a minha vida está voltada dentro de uma casa, de uma cultura totalmente africanizada, entendeu? E que me deu grandes experiências boas. São essas vivências que procuro passar, no dia a dia, para os filhos e netos.

Foi dentro dessa cultura que eu fui forjado, nesse meio africano que foi minha vida, foi o meu acontecimento e é o meu dia a dia. Quer exemplo? O que nós não nos perguntamos, quando olhamos essas igrejas belíssimas, que abrimos a boca para dizer que é uma obra sacra? Não! Aquilo é uma obra, na verdade, que foi feita por arquitetos negros e nós não nos damos conta de que essas pessoas escravizadas simplesmente trouxeram a mão de obra bruta e especializada. Foram os negros que conheciam e deixaram no Brasil a química, a engenharia, a matemática!

Qual o significado de ser negro, quilombola e babalorixá?

Ter uma ascendência que começou a humanidade universal — porque a cultura mundial vem da cultura africana — é o significado de ser negro. A felicidade em ser quilombola é a felicidade da manutenção dos costumes africanos até o dia de hoje. Babalorixá, para mim, é simplesmente ser um veículo dos orixás para passar os ensinamentos sagrados da religião de matriz africana para as pessoas que congregam a Nação Xambá, encarregado de passar a sapiência milenar para o povo mais jovem.

Quais as principais conquistas obtidas pelo Quilombo do Portão do Gelo desde a sua certificação?

Ser patrimônio vivo e quilombo urbano. Além disso, conseguimos calçamento para toda a comunidade ao entorno da casa Xambá e um terminal de ônibus mais perto das residências, pelo qual as pessoas não gastam sequer 15 minutos para chegar ao seu local de trabalho. Outra, a que mais me orgulho no auge dos meus sessenta e nove anos e que, inclusive, foi o período mais perigoso que passei, não só eu, mas posso dizer que foi o mundo todo, foi a conquista de vacinas durante o período da pandemia. Conseguimos quatro mil doses de vacina, vacinando o pessoal dentro e fora da comunidade. Tenho plena certeza, ao conseguir vacinar as pessoas antecipadamente, antecipamos também a sobrevivência dessas vidas, a exemplo da minha esposa, que é uma mulher frágil e que teve Covid-19. Se ela não tivesse tomado a primeira dose de forma antecipada, pela questão dos quilombolas estarem entre os grupos prioritários, talvez ela não tivesse resistido.

E qual o papel do terreiro no quilombo? Como se dá essa relação?

O papel se dá pela sua tradicionalidade e por todas as condições culturais que o fizeram ter capacidade de ser intitulado quilombo urbano. O papel do terreiro é manter a sua visão equitativa sobre tudo e sobre os comportamentos, para produção da igualdade social. Sua roda, essa dança, a que vocês nunca reparam, mas convido a repararem, possui toda uma vivacidade, uma visão tão totalmente associativa que você, ao entrar naquela roda para

dançar, ninguém dali pergunta se é católico, se você é protestante, qual é sua orientação sexual. Você entra nessa roda e dança tranquilamente, toda e qualquer pessoa. O papel do terreiro, por assim dizer, é causar esse dinamismo social de igualdade.

Como se dá a educação das crianças, dos jovens e dos adultos que têm essa dupla identidade de ser quilombola e de ser candomblecista?

Embora outras religiões procurassem nos "diabolizar" e colocar que a visão cultural ou pedagógica das crianças no candomblé é perigosa e nociva, passamos para os mais jovens não só a cultura africana, mas também o respeito. Quando eu era criança, existia uma placa dentro do terreiro avisando que era proibido menores de idade no salão e, nesse sentido, havia-se fiscalização nas giras, por parte da polícia, para verificar que ali não havia nenhuma criança. O que essas pessoas não sabiam é que as nossas crianças aprendem a religião e, principalmente, a respeitar não apenas seus pares mas uma sociedade como um todo e aprendem também a ser uma pessoa compartilhada, pois é isso que a cultura africana faz com pessoas, as constrói como seres humanos partilhados de amor, fé e empatia.

Se fizéssemos uma busca na internet pelo nome "Xambá", apareceria uma infinidade de TCCs, dissertações e teses. Então, além de estar educando as pessoas da comunidade, o quilombo e o terreiro têm educado também a própria universidade na medida em que esses professores e estudantes têm vindo aqui e feito essas pesquisas?

Antes, por não ter um doutorado, eu dizia que eu era a raposa que, ao não poder provar da uva no parreiral, dizia que as uvas estavam verdes. Não, eu não posso mais dizer isso porque agora sou um Doutor *Honoris Causa* e, por esse motivo, concluo que a universidade é coletora de conhecimento e que os conhecimentos estão nas comunidades. O remédio que um farmacêutico elaborou foi baseado nas conversas que ele teve com Pai Joaquim ou Mãe Joaninha, que maceravam folhas para se curar, por exemplo, de uma dor de cabeça. A Europa não nos deu nada, só se apropriou e tirou, nos dando uma cultura totalmente aversa. É por isso que eu digo que o racismo é acadêmico.

CONCLUSÃO

Em sua perspectiva na Sociologia e Antropologia, os conceitos de africanidade e autobiografia ganham notoriedade na compreensão desta entrevista com Ivo de Xambá. Em sua exploração, a socióloga Josso (2002) reconhece que as histórias de vida precisam estar centradas na formação do indivíduo em virtude de que se configuram, nesse rumo, como um fenômeno capaz de se efetuar na reflexão das nossas narrativas sociais, gerando, com isso, uma compreensão da identidade a partir das subjetividades por ela exprimidas.

Ou seja, quando um babalorixá, sindicalista, negro, líder comunitário e Doutor *Honoris Causa* debruça-se, conjuntamente com a sua comunidade, sobre as chagas da sociedade em que vive, por meio de sua autobiografia, ele está também desenvolvendo as potencialidades necessárias para superá-las. Africanizar, por sua vez, conforme Munanga (2006), está na interação dialógica que faz

perceber-se na formação de si para o outro e, sobretudo, do outro sobre ele mesmo, em complementaridade.

Sua identidade, nesse contexto, carrega um marcador social que está recuperado pela cosmovisão africana de sua religião, mas também é referente à cor da sua pele, à sua cultura e à contribuição histórico-social do Movimento Negro na sua vida, moldando, portanto, sua africanidade. Desse modo, temos em Olinda um berço cultural do movimento negro, que contextualiza o processo que Walsh (2009) trata como o repensar o agora sobre as rachaduras e, a partir das luzes, pensar reflexivamente na própria trajetória a fim de abandonar o pessimismo que foi inoculado na população negra por meio do racismo.

Percebemos, dessa forma, que a temática epistemológica da diáspora sempre esteve presente na vida de Ivo de Xambá, que, em 2021, teve outorgado o título de Doutor *Honoris Causa* pela UFPE, justamente em reconhecimento à dedicação que ele tem em preservar o acervo cultural do quilombo e por ter debelado diversas estratégias políticas para instalar, no entorno do quilombo, escola pública, posto de saúde, terminal de ônibus e pavimentação.

Os tambores de Santa Bárbara, nessa perspectiva, também ecoam uma história de resistência, constituída a partir da função social do terreiro, que estima amor com responsabilidade, de maneira singular e apropriada na sua afrodescendência. Em seus relatos, diante da questão de ser a voz da matriz africana, Ivo de Xambá resgata o que a comunidade negra entende por patrimônio. O que significava o terreiro para eles? O que era importante haver em São Benedito? Quais outros lugares eles valorizavam?

Afirmando, ao longo de nossa entrevista, os postulados da solidariedade negra no esforço de desalienação para a liberdade, em

consonância à dialética de Fanon (2008), o Ivo de Xambá informou a todos sobre o desafio que enfrenta o terreiro e como, desse modo, os seus participantes amparam-se uns nos outros, mantendo configurada, a partir disso, a permanência do seu quilombo. Assim, utilizando da perspectiva decolonial e evocando com predominância os filósofos afrodescendentes, notamos que o Portão do Gelo se estabelece, para Ivo de Xambá e todos outros quilombolas, como um lugar possível para o rompimento das marcas coloniais, cruzando, de maneira epistêmica, os mais diversos saberes e, dessa maneira, utilizando-os para a superação do racismo, criando, assim, um paradigma antirracista.

Ressaltamos que, ao perceber a notoriedade que ele tem na luta contra o racismo, o líder de Xambá, diante disso, centraliza oposição contra o regime de opressão que ofertou o escravismo criminoso àqueles que puseram cada pedra e tijolo, e trouxeram o esforço intelectual, pondo, assim, o Brasil de pé. Construir identidade negra, segundo Ivo de Xambá, é o papel do terreiro e ele o faz, dessa maneira, pela sua espiritualidade sociocultural. Há no quilombo a vivacidade de uma visão associativa de paz, tendo em vista que, ao entrar naquela roda de candomblé — o xirê dos orixás —, não haverá voz para questionar quem ali é católico, protestante, qual é a sua orientação sexual ou, em última instância, se realmente sabe bater paó[2]. Você apenas entra na roda e dança ao som dos tambores, tranquilamente, sendo toda e qualquer pessoa, porque o terreiro é equitativo e oferece o seu dinamismo social de igualdade para todos.

2. Paó: reverência sagrada aos orixás, feita colocando a cabeça (ori) no chão para saudar o sagrado, a natureza e todas as forças ancestrais do terreiro.

O Portão do Gelo, portanto, forma grupos culturais, e observamos isso no depoimento de Ivo de Xambá ao relacionar a luta negra com a cultura. Dali partiu, para o mundo, o grupo Bongá, o Comigo Ninguém Pode, a Charanga do Bié, o Coco do Miudinho, o Coco de Célia e as Raízes de Mãe Biu. Uma diversidade que integra o carnaval em Olinda, mas também as suas festas juninas, usando instrumentos de corda e percussão para harmonizar a melodia da resistência negra numa sonoridade que vem do corpo e da instrumentalidade africana, que rega a árvore da diversidade para transcender em nós os seus saberes. Nessa convergência, a única casa Xambá do estado está viva e preserva os ritos e suas tradições, preocupando-se em transmiti-los aos descendentes e perpetuando, nesse sentido, a cultura negra.

Dessa forma, a sineta de metal (adjá) utilizada para balancear os dois mundos, físico e espiritual, e convocar à Terra a natureza e a sua divindade (o orixá) estremece também o preconceito, a discriminação, a injúria racial e tantas outras enfermidades sociais que carregamos. Enxerguemos, a partir dessa entrevista, que hoje há a ocupação de um espaço, agora reservado também para os negros. Que assim seja!

Espero, com isso, ter conseguido evidenciar uma pequena amostra da autobiografia de Ivo de Xambá, entre suas experiências pessoais e sociais, notando todos os seus vínculos com a Educação Antirracista. Que os seus saberes transcendentais sejam capazes, cada vez mais, de afroperspectivizar o conhecimento. O conhecimento não deve ser seletivo: precisa se entrelaçar aos saberes científicos afrodescendentes. A partir desse movimento, será mais fácil a integralidade da vida em todas as suas esferas.

Recife, outubro de 2022.

Referências

FANON, F. *Pele negra, máscaras brancas.* Salvador: EDUFBA, 2008.

JOSSO, M. C. *Experiências de vida e formação*. Prefácio: António Nóvoa. Tradução: José Cláudio e Júlia Ferreira. Lisboa: Editora Educa-Formação/ Universidade de Lisboa, 2002.

MUNANGA, K. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil*: identidade nacional versus identidade negra. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

WALSH, C. Interculturalidad crítica y pedagogía de-colonial: apuestas (des)del in-surgir, re-existir y re-vivir. *Red* de Interculturalidad, [S.l], 2009. Disponível em: https://redinterculturalidad.files.wordpress.com/2014/02/interculturalidad-crc3adtica-y-pedagogc3ada-decolonial-walsh.pdf. Acesso em: 11 out. 2022.